

China and the Twenty-First-Century Crisis*

Henrique Morrone**

Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

O livro **China and the Twenty-First-Century Crisis** (em língua portuguesa: *China e a crise do século XXI*), de Minqi Li, professor de Economia da Universidade de Utah (EUA), aborda dois temas centrais para a economia contemporânea: o limite imposto pela natureza ao capitalismo e as contradições internas do sistema econômico atual. Esses fatores, conjuntamente, resultarão numa profunda crise para o sistema econômico mundial. Especificamente, Minqi Li, empregando as abordagens marxistas, de sistemas mundo (desenvolvida por Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi) e as contribuições de Hyman P. Minsky, consegue transmitir, de forma rigorosa e consistente, os limites impostos à dinâmica capitalista. Pode-se referir que o ponto crucial do estudo está na questão das contradições internas do capitalismo e na incompatibilidade entre crescimento capitalista e estabilidade climática.

Nesse livro, organizado em oito capítulos, o professor Li dá continuidade aos seus projetos anteriores, intitulados **The rise of China and the demise of the capitalist world economy** (1999) e **Peak oil, climate change, and the limits to China's economic growth** (2014), atualizando os dados estatísticos e refinando suas projeções econômicas. No primeiro capítulo, que apresenta o mesmo título da obra, o autor expõe suas ideias básicas, que serão desenvolvidas nos capítulos seguintes. Inicialmente, ele aborda as questões centrais do estudo, expondo também alguns fatos da economia mundial, dentre eles, a forte dependência do crescimento produtivo ao uso de recursos naturais não renováveis.

Segundo o autor, o sistema mundial capitalista depende, fortemente, da existência de abundante (e barata) oferta de mão de obra, de recursos energéticos e de recursos materiais. Seguindo Wallerstein (1979), Minqi Li aponta que há uma tendência de aumento do preço desses fatores ao longo do tempo. Isto vai de encontro à principal força motriz do capitalismo: a acumulação de capital incessante, a fim de obter sempre maiores lucros, que, destarte a queda da taxa de lucro, provocada por crises de *profit squeeze*, seriam comuns. Para evitar isso, a realocação geográfica do capital seria vital. Por exemplo, a integração da China à economia mundial foi crucial para conter a queda da lucratividade, pois representou o aumento da oferta de mão de obra com baixo custo. Para o autor, a eficácia do neoliberalismo está ligada ao desmantelamento do contrato social implícito desde 1945 e ao incentivo, desde então, à acumulação de capital via aumento da relação lucro-produto e, por conseguinte, da taxa de lucro.

O sistema capitalista, contudo, ficou dependente dos EUA como consumidor de última instância. O aumento do consumo americano foi viabilizado pelo acúmulo de débitos. Por outro lado, o sistema também depende da China como principal fornecedora de bens manufaturados. Esses desequilíbrios financeiros mostraram-se insustentáveis com a crise do *subprime* de 2007-08. Segundo Minqi Li, a recuperação das economias pós-crise será de curto fôlego. A crescente dependência chinesa em relação ao investimento levará, necessariamente, à queda da produtividade do capital (*proxy* do inverso da composição orgânica do capital) e, com isso, da taxa de lucro. A queda da taxa de lucro chinesa será provocada também pelo aumento da proletarianização dos trabalhadores e pelo limite de utilização dos recursos naturais. Essa queda, além de gerar uma crise econômica, pela redução da acumulação de capital, pode engendrar dificuldades no pagamento dos débitos das empresas e uma crise financeira. Minqi Li projeta que a crise de acumulação chinesa ocorrerá em meados de 2020, tendo como principal desdobramento uma crise econômica global.

No Capítulo 2, intitulado **China: classes and class struggle**, o professor Li tem a tarefa hercúlea de resumir a história da luta de classes na China. O autor descreve a economia chinesa no passado como sendo bastante instável, possuindo uma elite retrógrada e preocupada com guerras. O século XIX foi marcado por muita instabilidade, tendo o País acumulado diversas derrotas. Uma de suas mais duras foi contra o Japão, em 1894-95.

* Artigo recebido em 29 dez. 2015.
Resenha do livro **China and the Twenty-First-Century Crisis** (LI, 2016).
Revisor de Língua Portuguesa: Breno Camargo Serafini

** E-mail: hmorrone@hotmail.com

Devido à sua instabilidade, o País não funcionava como um estado-nação incorporado ao sistema capitalista mundial.

Esse cenário muda com a derrota para o Reino Unido na Guerra do Ópio, em 1948 (marcando a incorporação da China à economia mundial), e com a vitória do Partido Comunista, em 1949. A partir daí, uma massiva revolução social emergiu. O Estado extrai e mobilizou o excedente agrícola, a fim de promover um crescimento econômico acelerado. Uma das metas era eliminar a elite tradicional e dar maior espaço para o crescimento industrial nacional. Isso ocorreu através do monopólio estatal do mercado doméstico.

Uma das peças fundamentais para que esses objetivos fossem atingidos foi o estabelecimento de um contrato social implícito entre o governo e os trabalhadores. No curto prazo, os trabalhadores aceitariam baixos níveis de consumo e cederiam seu excedente ao Estado. No longo prazo, porém, o Estado comprometer-se-ia em prover elevado padrão de vida para a população, eliminando a desigualdade de renda e estabelecendo as bases para o comunismo.

O crescimento efetivo, contudo, apresentou um fôlego bastante curto. Já em 1960, o País sofreu uma grave crise, causada pela ingerência das elites e por sucessivos desastres naturais. Essa crise dividiu o Partido Comunista entre maoístas (pregavam a ditadura do proletariado, sem benefícios para as elites) e setores que defendiam maiores privilégios e poderes às elites. Com o apoio de intelectuais e da classe média, a segunda corrente ganhou a disputa interna no Partido. Os trabalhadores urbanos estavam desarticulados no período. Com essa vitória, entre 1978 e 1980, foram criadas as zonas especiais de exportações. Em 1992, o XIV Congresso Nacional do Partido Comunista oficialmente aprovou a transição para o capitalismo. No final da década de 90, a maioria dos empreendimentos governamentais foi privatizada.

Apesar das derrotas dos trabalhadores, o autor argumenta que existe um crescimento recente na consciência trabalhista. Ademais, após 1990, os aumentos dos custos de saúde e do desemprego entre jovens graduandos engendrou a desilusão da classe média quanto ao neoliberalismo. O aumento das tensões e confrontos entre trabalhadores e capitalistas, com vitórias para os primeiros, levará a maiores demandas econômicas, sociais, e políticas, contribuindo para a crise estrutural da economia chinesa.

Depois de discutir os aspectos históricos da evolução do sistema econômico chinês e de sua luta de classes, o professor Li apresenta alguns conceitos teóricos e evidências históricas das crises econômicas capitalistas. O cerne da argumentação está na presença de crises provocadas pelo excesso de poder capitalista ou pela extrema fraqueza da classe dominante, podendo resultar em crises de demanda insuficiente ou em *profit squeeze*, respectivamente, conforme citado. A queda da taxa de lucro abaixo de um determinado limiar (em geral, a evidência histórica para os EUA e Inglaterra é de 10%), provocada pelo aumento da composição orgânica do capital, seria o principal fator explicativo da redução da acumulação de capital, do produto e do emprego.

Em conclusão, a recuperação das crises não poderá depender da realocação geográfica do capital. O poder de reacomodação das demandas econômicas e sociais do sistema capitalista mundial encontra-se num estado bastante frágil, segundo o autor.

No Capítulo 4, intitulado **The capitalist world system: the limit to spatial fix**, Minqi Li aprofunda sua análise, examinando, historicamente, como as economias empregaram a realocação geográfica do capital como a principal estratégia para restabelecer a taxa de lucro em patamares pré crise. Ademais, Minqi Li apresenta os papéis desempenhados por países centrais, semiperiferia e periferia no sistema econômico mundial. Para o Professor, esse sistema baseia-se, preponderantemente, em trocas desiguais, e não existem, atualmente, áreas disponíveis que conjuguem abundância de mão de obra (com preços baixos) e estabilidade política para serem integradas ao sistema capitalista mundial. A entrada da China, como semiperiferia, aumentou o custo da energia e a degradação ambiental. Desse modo, ele sustenta que apenas uma profunda transformação social poderá superar a crise estrutural.

O autor aprofunda a análise de uma possível crise chinesa e de seus desdobramentos na economia mundial no Capítulo 5. Para isso, acompanha o crescimento de variáveis-chave da economia capitalista: a taxa de lucro, a taxa de lucro marginal, a taxa de crescimento do estoque do capital e a composição orgânica do capital. Os focos são as economias chinesa e americana.

Ademais, Minqi Li utiliza a contabilidade do crescimento — Produtividade Total dos Fatores (PTF) — para refinar os resultados das suas projeções. Ele sugere uma tendência para que as inovações sejam, cada vez menos, impactantes na economia, ao longo do tempo. Segundo suas estimativas, a taxa de crescimento da TFP está estagnada. O autor cita Gordon (2014), argumentando que a queda da PTF pode representar o fim do progresso técnico como fonte do crescimento econômico.

Em seguida, no capítulo intitulado **Climate change, peak oil, and the global crisis**, Minqi Li faz uma análise análoga à do capítulo anterior, mas com foco nas contradições ecológicas da economia global. Nesse sentido, a China enfrentará problemas para viabilizar seu crescimento em três esferas: habilidade para aumentar a produção

de energia, capacidade para importar uma parcela crescente da produção de energia mundial e capacidade para aumentar a eficiência energética.

O crescimento econômico global está correlacionado ao consumo de energia. Segundo as estimativas de Li, o consumo mundial primário de energia atingirá seu pico em meados de 2030. De 1991 a 2014, uma taxa de crescimento econômico mundial de 1% implicou um crescimento de 0,89% no consumo primário de energia. O pico da oferta de gás natural é projetado para meados de 2020. A parcela do carvão aumentará na produção total de energia, sendo o crescimento chinês projetado para arrefecer entre 2015 e 2050. A energia nuclear aumentará sua participação de 5% (em 2010) para 7% em 2050. Preocupações com segurança e restrições na oferta de urânio impedirão uma participação maior da energia nuclear. A biomassa aumentará sua participação na geração de energia total de 7% para 12%, em 2050. Por fim, as energias hidráulica e solar passarão de, aproximadamente, 2% para 17% do total por volta de 2050. O autor conclui que, à medida que a economia mundial aproximar o seu crescimento de 2% ao ano, emergirá a crise econômica e política, depois de 2030.

Minqi Li discute as restrições ecológicas à acumulação de capital chinesa no Capítulo 7, intitulado **The unsustainability of Chinese capitalism**. Ele realça as contradições econômicas, sociais, e, principalmente, ecológicas, que levarão à crise estrutural da economia chinesa.

Por fim, no último capítulo, resume os principais entraves ao funcionamento do capitalismo na China. Ele frisa que o aumento da dependência do crescimento econômico chinês ao investimento levará, necessariamente, ao aumento da composição orgânica do capital, resultando na queda da taxa de lucro. Ao mesmo tempo, o crescimento do País implicará o aumento da proletarização da força de trabalho, aumentando as demandas econômicas e políticas dos trabalhadores. Esses fatores, juntamente com a restrição ambiental, resultarão numa crise de acumulação (crise estrutural) e política com repercussões negativas na economia mundial. Diante das dificuldades do sistema capitalista na acomodação das demandas sociais via realocação geográfica do capital, o autor, em última análise, questiona se existe uma alternativa viável para a economia global que não seja o socialismo. Assim, somente o socialismo seria compatível com estabilidade climática, evitando a degradação e o colapso da humanidade.

Referências

GORDON, R. **Is U.S. economic growth over? Faltering Innovation confronts the six headwinds**. Cambridge, MA: NBER, 2014. (NBER Working Paper, 18315).

LI, M. **China and the Twenty-First-Century Crisis**. London: Pluto Press, 2016.

LI, M. **Peak oil, climate change, and the limits to China's economic growth**. New York: Routledge, 2014.

LI, M. **The rise of China and the demise of the capitalist world economy**. London: Pluto Press, 2009.

WALLERSTEIN, I. **The Capitalist World Economy: Essays by Immanuel Wallerstein**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

